

GUIMARÃES, Gleuter Alves. DO MENINO ENTRE BANANEIRAS AO ADULTO ENTRE PALAVRAS: DESMONTAGEM DE UMA TRAJETÓRIA DE POESIA E VIDA. Uberlândia: UFU.

Universidade Federal de Uberlândia; Mestrando; Ana Elvira Wuol. CAPES.

RESUMO

Os estudos da cena contemporânea se transformam em reflexão sobre a história e a percepção das relações entre experiência e pesquisa dentro da proposta da disciplina “Performatividade e *Performance*” do Mestrado Profissional em Artes, ministrada pela Prof^a Mara Leal. Este artigo traz o caminho desafiador de fazer uma desmontagem sobre meu percurso de vida, educação e de arte, o encontro com o passado num baú de memórias contendo a trajetória poética e artística da infância até o presente. A desmontagem me trouxe para esse lugar existente dentro da minha formação, pesquisa e vivências. O desafio de mostrar a “minha casa” foi marcante, pois me fez viajar no tempo, abriu cortinas de emoções e desmontou barreiras. A poesia de uma vida acontece em cada instante vivido, sentido e amado! A memória do menino criado entre árvores sai de entre sombras de jabuticabeiras e bananeiras. A desmontagem da “TV Bananeira” do garoto que imagina transmitir cenas além do quintal traz a poesia e ganha a luz dos sonhos e da imaginação. O homem de hoje necessita ouvir o menino guardado na memória. A vida não ficou escondida entre sombras de árvores da infância, ela se apresenta no fluxo poético que faz o homem, artista, educador, pesquisador da poesia das palavras e da cena.

PALAVRAS-CHAVE: Desmontagem; Poesia; Educação; Histórias; Teatro.

ABSTRACT

The studies of contemporary scene were transformed into a reflection about history and the perception of the relation between experience and research in the discipline of the professional master program “Performatividade e *Performance*” taught by professor Mara Leal. This article brings the defied path to produce a disassembling of my life, my education and art, the meeting between the past inside a memory chest which contained my poethic and artistic path from my childhood until today. The disassembling brought me to this place which exists inside my formation, my research and my livings. The challenge of showing “my home” was remarkable, because it made me travel through time, it opened the curtains of emotion and destroyed barriers. The poetry of a lifetime happens in each lived, felt and loved moment. The memory of a child raised among trees gets out of the shadows of Jabuticaba’s and banana’s trees. The disassembling of the “Banana Tree Television” of a boy who imagines broadcast his scenes beyond his backyard brings the poetry and it gains light of the dreams and of the imagination. The man of today needs to lessen the boy kept in the memory. Life did not stay hidden in the shadows of childhood trees, but it shows herself in the poetic movement which makes the man an artist, educator, researcher of poetry of words and scenes.

Keywords: Disassembling; poetry; education; stories; theater.

O tempo atravessa nossas trajetórias e nossas trajetórias atravessam o tempo de nossa história. Uma estrada construída a cada dia, cada desafio, cada nova parada. Estrada construída para se andar e não para ser um construtor que a constrói e não a percorre. Descortinar o passado e reviver momentos sonhados e sonhos revividos, construídos com pessoas marcantes, lugares que deixaram na memória. Suas marcas, cheiros, sabores, visões, sons e toques que se perpetuam e que continuam presentes, pois foram acontecimentos. Remexer na casa em que sempre vivemos, nosso próprio “eu”, é desmontar emoções e histórias de uma vida, cheia de estradas e trajetos que nos fazem chegar aos dias de hoje e tatear o futuro como nos diz o poeta Zeca Baleiro:

... nem quero ser estanque
Como quem constrói estradas e não anda
Quero no escuro
Como um cego tatear estrelas distraídas
(BALEIRO, 2000, faixa.1)

E assim buscando o menino que mora no meu coração e que descreve a composição de Fernando Brant e perpetuada na voz de Milton Nascimento <http://letras.mus.br/milton-nascimento/102443/>:

Há um menino/ há um moleque
Morando sempre no meu coração
toda vez que o adulto balança ele vem me dar a mão”
(BRANT & NASCIMENTO)

O trabalho de desmontagem construído para a disciplina “Performance e performatividade” na cena contemporânea” do PROFARTES veio para desafiar a mente, o corpo, a memória e a capacidade de transportar a poética de minha trajetória de vida e arte em uma cena. De acordo com Ileana Dieguez o termo “desmontagem” surge e se caracteriza assim:

As demonstrações dos processos de investigação de atores e atrizes na América Latina geraram processos cênicos nos quais se começou a utilizar o termo “desmontagem”. Com esse nome se apresentou a bem estruturada sessão de trabalho que Victor Varela e o Teatro Obstáculo³ desenvolveram durante a X Oficina da Escola Internacional de Teatro da América Latina e Caribe, EITALC, em 1993, em Havana. Em 1995, quando ocorreu a XVI Oficina da

EITALC, em Lima, o grupo anfitrião a divulgou com o título: Desmontagem: Encontro com Yuyachkani. Assim, o procedimento de desmontar se abria para a experiência no tempo e em todo o universo de trabalho do grupo teatral. (DIEGUEZ, 2014)

O desafio de revelar uma estrada com imagens e palavras que pudessem ao mesmo tempo deixar a plateia conhecer os acontecimentos de minha vida, também ser capaz de transmitir a emoção e os sentimentos que permearam essa trajetória.

Menino entre mangueiras, jabuticabeiras... bananeiras... lia e fazia histórias!

Eu sozinho menino entre mangueiras

lia a história de Robinson Crusóé,

comprida história que não acaba mais...

[...] e eu não sabia que minha história

Era mais bonita que a de Robinson Crusóé. (ANDRADE, 2001)

Revisitando na infância as cenas construídas por um menino que brincava sozinho entre árvores do quintal de casa. O menino que aprendeu a ler antes de ir para escola e que buscava palavras e histórias nas revistas e enciclopédias da estante da sala. Esse menino que criava personagens e contracenava com eles no fundo do quintal e que criou sua própria emissora de Televisão: a TV Bananeira. Uma história que nunca saiu da mente, mas que teimava em não ser revelada, talvez por vergonha ou por acreditar que não despertaria interesse para ninguém além de mim. Desmontar a TV Bananeira pode não ser uma coisa tão difícil aos olhos de quem assiste, mas significa remexer no baú de nossa infância, de nossas memórias e emoções. Significa desmontar estruturas de conforto do adulto, que mantém no canal esquecido de nossa TV, de nossa mente. Relembrar pessoas e acontecimentos e trazê-los à cena, falar de si mesmo é um exercício de controle e descontrole, um exercício de permissão, de abertura de cortinas para que todos o observem e façam suas análises. O processo de construção da cena de criança passa então por essa decisão de permitir que o canal da infância fosse aberto ao público. Esse canal dialoga com as palavras de Mariene Perobelli quando relata sua desmontagem:

Inventar línguas, letras, texturas, movimentos, canções... Re(criar) mundos. Nas solitárias experiências povoadas de personagens inventadas, criar outras possibilidades de relação e apreensão do mundo. Da magia, fantasia e espanto do estar e perceber o mundo, às aprendizagens na escola. Experiências vividas com o passar do tempo... Da poesia à razão, da sensibilidade ao intelecto, dos olhos estalados aos olhos formatados... (PEROBELLI, 2014)

A criança que inventava mundos e histórias e que vivia experiências com a poesia, a sensibilidade e o tempo, agora se vê buscando a potência da infância na relação como mundo de adulto e pesquisador. Após esse início, veio as escolhas e relações de que imagens e palavras entrariam nessa desmontagem; muitas poesias e histórias passaram, mas a opção de falar sobre a “programação” da TV Bananeira fez mais sentido para mostrar a relação da arte e do teatro que já me fascinava desde pequeno. A criação de personagens e histórias e a leitura de poemas e biografias já revelavam uma estrada, mesmo que inconsciente, que percorreria. Da infância também veio as primeiras experiências de palco, iniciando nos natais da Igreja, com incentivo dos pais e de pessoas da comunidade. Interpretar personagens e declamar poesias no Natal é algo arraigado na memória e que ao longo da estrada futura teria muito significado. Busco para ilustrar esse período um trecho de um poema caipira que fala da vida da tranquilidade de fazenda ou de uma cidadezinha qualquer do interior de Minas Gerais, que representa meu quintal natal chamada Serra do Salitre na região do Alto Paranaíba. Relembro além do poema, pequenas imagens que lembram minha infância e família, como o fogão de lenha de onde vinham histórias contadas por tios, das jabuticabeiras em flor e das brincadeiras com amigos imitando Zorro com nossos cavalinhos de pau. É a busca da poesia de nossas imagens incorporadas na mente e no corpo que fizeram seguir a trilha de minha história.

Desmontar a juventude, imprimir o futuro!

O segundo momento escolhido para ser desmontado também traz uma fase marcante na vida, a Universidade. Uma nova parada ao longo da estrada, uma terra diferente, pessoas novas, histórias que se misturam e enriquecem sua trajetória. Apesar de cursar uma área diferente da artística, Educação Física, na Universidade Federal de Viçosa, o teatro tem uma grande relevância para vencer os obstáculos de viver longe de casa, de construir momentos

marcantes e de expressar emoções e ao mesmo tempo equilibrar o ser humano integral. Trouxe para minha desmontagem o crescimento como artista nesse momento de vida: o trabalho em grupo, que preenchia as tardes de sábado e revigorava o corpo e a mente para o dia a dia, representou afirmação como pessoa, trouxe socialização com pessoas diferentes e produziu cenas teatrais para desenvolvimento do artista. Do grupo escolhi um recorte do personagem “Castor” de “O Leão, a feiticeira e o Guarda-roupa” de C.S.Lewis que montamos e apresentamos na Universidade (20 anos antes de Hollywood lançar para o mundo). Na busca por aprofundamento na arte teatral fui fazer o curso de extensão oferecido pela UFV “Laboratório de Teatro”, momento rico para conhecer a técnica teatral, ter contato com textos e autores variados. Dessa oficina trouxe um trecho do “moço bom e obediente” de Betty Barr que interpretei no espetáculo final e que enriqueceu meus conhecimentos tanto no aspecto de produção de uma peça, laboratórios, interpretação como culturalmente, pois é uma peça de costume japonês e proporcionou um trabalho rico de movimentação e técnicas diferentes. Por fim desse período, um trabalho que foi ponto alto para minha trajetória artística, de educador e até hoje na pesquisa foi a peça “O poeta em Pessoa”, uma montagem com poemas do poeta português Fernando Pessoa. O desafio de interpretar poesia, contracenar com atores conhecidos na cidade foi relevante para um jovem que estava prestes a se formar e continuar sua estrada em outros espaços. O sentido da experiência vivida nesse espaço do teatro universitário ser desmontado no presente momento de vida se torna relevante porque dialoga com minha pesquisa no mestrado. A relação da poesia e da literatura contracenando com o teatro foi um ponto de autoconhecimento acontecido ali naquele tempo de aprendizagem, enquanto conhecia o corpo e o movimento na minha área de estudos que era a educação física, experimentava a arte, a palavra e a integração de todas essas áreas construindo uma poética de minha personalidade e vida. Meu trecho da desmontagem que enfoca esse período de juventude é uma confirmação do que diz Ileana Dieguez sobre a força dos trabalhos que estão nos processos de investigação e nos caminhos de busca:

São esses caminhos de busca, experimentação, resultados, dúvidas, reflexões, onde se integram saberes culturais, aprendizagens espirituais e intelectuais, riscos corporais e confrontações humanas, que o grupo de artistas decide compartilhar de maneira ampla ou

restrita. Por isso, estas experiências contribuem para desenvolver o horizonte de estratégias poéticas.
(DIEGUEZ, 2014)

A partir desse desmontar o passado e relacioná-lo com o presente da pesquisa sobre a poesia e o teatro, é que vejo que as buscas, experimentações e confrontações com as reflexões sobre ser humano que hoje sou contribuem para entender imprimir horizontes na minha pesquisa e na minha poética pessoal. A poesia que estava presente lá no menino entre árvores é também marcante no jovem que se torna educador; o teatro permeia a mente, o corpo e as emoções em cada tempo e espaço transitado e a ser percorrido.

Poesia que faz brilhar os olhos

O terceiro momento da desmontagem vem descortinar o sentido e a trajetória que motiva a chegada à pesquisa e ao pesquisador hoje. A vivência de educador dentro das escolas públicas, o contato com crianças necessitadas de ouvir histórias e jovens carentes de poesia me transporta para dentro de uma nova história. Uma mistura de histórias com a minha própria, a de professor que conta histórias e que leva a palavra e a cena para seus alunos. Identificado com as palavras de Marina Marcondes que adentra o mundo da criança como uma educadora que busca oferecer ao seu aluno um espaço inteligente e sensível em suas aulas:

Também a maneira de narrar as propositivas da aula, contar histórias, sejam elas inventadas ou com base na literatura, enriqueciam-se muito se o adulto abandonasse seu papel pedagógico estrito senso, por assim dizer, para assumir um papel de professor narrador: um professor *performer* (ou performador) de sua própria arte e de suas concepções, encarnadas em seu corpo e tornadas visíveis em suas atitudes, condutas, facilidades e dificuldades. (MACHADO, 2010).

Em minha experiência como professor de crianças, nos anos iniciais da educação básica, em escolas da rede pública, sempre procurei trazer essa poética das histórias e seus personagens que encantam e trazem a criança para um lugar de proximidade com o professor, de afetos e de sensibilidade despertadas pelo ato performático que se instala no momento da aula. Relato aqui, que eram aulas de Educação Física e não de artes, mas que a apropriação desse espaço pelo professor narrador ou *performer* e o ser integral que sou não desvinculando o artista do educador fez com que essa experiência se tornasse algo vivo, sensível e significativo para mim como professor-artista e

para os alunos envoltos nesse contexto de possibilidades imaginativas e criativas, e ainda proporcionando uma real interação no aspecto da participação e da aprendizagem no âmbito escolar. Perceber nos olhares atentos de crianças um brilho despertado pela poética das palavras e dos gestos faz deste professor mais que um educador que interpreta personagens para os alunos ou um ator que vê que a arte pode enriquecer a educação. A percepção das possibilidades que o teatro e a poesia podem trazer ao ser humano que está no contexto escolar me impulsiona a buscar mais... mais conhecimento da arte e das relações que ela pode ter na educação e da amplitude que ela pode dar ao aluno nos dias atuais.

As possibilidades do professor-artista ou professor *performer* se estendem além do contexto infantil; chego ao presente da minha pesquisa que é o aluno do ensino médio, um jovem que chega nesse momento de decisões de vida sem perceber essa afinidade com as palavras e suas inter-relações. Um jovem cobrado pela escola, família e professores a ser preparado para o mundo de forma seca e compartimentada em disciplinas e áreas de escolha para o futuro. Um momento em que arte e literatura às vezes são parte de um processo frio de avaliações e seleções. Introduzir a poesia, o teatro ou acontecimentos performáticos nesse espaço é um ato de quebra de resistências, de enfrentamentos e nem sempre de aceitação. A partir dessa noção poética busca-se a sensibilidade do aluno, a integralidade desse ser humano numa faixa etária em que os conflitos estão operantes consigo mesmo e com sua poética confrontada com a rigidez das pressões que enfrentam dentro do espaço escolar. Levar arte e poesia para o aluno, os professores e a escola é o marco inicial que norteia meus estudos e experiências no corpo, espaço e no tempo.

A oportunidade de cursar Licenciatura em Artes Cênicas surge nesse caminho... Para além do esforço e da perseverança não há como deixar de trilhar a estrada da oportunidade. A formatura em 2014 na Universidade Federal de Goiás coroa esse acontecimento rico de conhecimento e de práticas da arte teatral. O que poderia marcar o fim de uma estrada abre uma nova visão de pesquisador, momento atual, o Mestrado em Artes na Universidade Federal de Uberlândia, outra oportunidade que surgiu como um descortinar,

como um não querer ser estanque, uma abertura de horizontes, de novos versos da poesia da vida, novas cenas em espaços e tempos não imaginados, mas que se desmontam e remontam a cada texto, a cada cena, a cada processo de criação com outros pesquisadores ou com os alunos, seres humanos dentro da escola. Desmontar o presente é se apresentar para novos desafios... nova caminhada e toda vez que o adulto balançar (parafraseando a canção), o menino está ali para dar a mão e continuar a trajetória.

Entre chapéus e caixotes

A escolha do espaço da desmontagem, seus adereços e apresentação ao público foi uma forma de reviver as memórias de cada passo e de cada momento de meu caminho. A abertura em forma de vinheta de um programa de televisão foi a aproximação imaginada para introduzir a minha história através da TV Bananeira, criação de infância presente na memória, e que deu um formato de programa de arte para construção da trajetória do pesquisador de hoje. A partir dessa introdução fui contando meu percurso com relatos de vida, poemas e trechos de peças encenadas ao longo da vida. O cenário com três espaços delineados por caixotes e com objetos depositados em cima de cada um deles. No primeiro caixote, coloquei um chapéu de palha recostado representando a vida simples em uma pequena cidade do interior de Minas; usado para falar o poema “tarde na roça” caracterizando o personagem interiorano e sua fala. O segundo caixote, no meio da cena, tinha três chapéus: um preto, um verde e um tipo japonês. Um espelho, um retalho de tecido e uma maleta. O chapéu verde usado para identificar o personagem “Castor” em sua fala, o chapéu tipo japonês identificando a cultura oriental, vivido pelo “moço bom e obediente” que contracenava com o espelho e o tecido que o envolve dentro da maleta onde fica guardado o seu “pai” que ele acredita viver no espelho. O chapéu preto identifica o poeta Fernando Pessoa que apresenta um de seus poemas “dobrada à moda do Porto”. O terceiro caixote tem uma boina, um navio *souvenir* de madeira e um guarda-chuva. Nessa parte final da narrativa da trajetória conto minha história como educador, contador de histórias e como a graduação em Teatro entra na minha história. Os objetos são para caracterizar um trecho da peça “A cantora careca” um processo criativo dentro do curso de Artes cênicas da UFG (Universidade Federal de

Goiás) e ainda conto uma história poética que utilizo para dialogar com crianças nas escolas. Explicando o uso dos chapéus: é um elemento que gosto de usar na transição de personagens ou de mudança de sentidos de uma história ou de uma cena. No caso da desmontagem ele serviu de elo para a transição de falas em que eu me apresentava com minha própria história (sem chapéu) e para cada poema ou personagem lembrado um chapéu que identificasse outra pessoa ou ideia. Ressalto que os elementos utilizados não são originais das peças que apresentei na trajetória, são apenas simbólicos de cada cena; isto porque os anos passam e as coisas ficam pelo caminho e também porque entre espaços de tempo ficaram algumas lacunas em que o homem tenta resistir a essa identidade artística e abre mão de memórias e seus símbolos, mas isso daria uma nova desmontagem e outro estudo.

O final da desmontagem veio com a apresentação de um vídeo com fotos desde a infância do menino que conversava com as árvores, passando pelo teatro universitário e chegando até os dias atuais no séc. XXI, fotos da vida em família da infância e da família de hoje. A música que trago como fundo para estas memórias é “Minha casa” de Zeca Baleiro que traduz bem a trajetória de uma vida que dá a ideia em seu verso final do que é a nossa trajetória, nossa história, nossa vida, que tudo passa e se incorpora em nossa pele, corpo, memória; construindo um ser humano único com história, corpo e poesia. O verso diz:

“a mesma e única casa. a casa onde eu sempre morei”.

A casa onde sempre morei é a minha arte, minha poesia, minha história... minha vida.

Considerações finais ou “há um passado no meu presente”

Os estudos da *performance* e das possibilidades de uma nova cena contemporânea, poderiam ser somente mais uma disciplina para cumprimento de créditos do currículo do mestrado profissional, mas o acontecimento dos estudos teóricos e práticos conduzida pela Prof^a Dr^a Mara Leal foi se transformando em momentos de reflexão e estudos sobre a história de cada

um de forma a perceber relações entre os estudos, a experiência e a pesquisa que desenvolvemos no momento.

O caminho me abriu horizontes para uma desmontagem sobre todo meu percurso histórico de vida, de educação e de arte. Nesse percurso houve um encontro do meu passado, guardado em um baú de memórias, com toda minha trajetória poética e artística desde a infância até o presente. A desmontagem me trouxe para esse lugar que não está perdido no tempo, mas existe dentro da minha formação e está presente em cada experiência e cada possibilidade de pesquisa e de vivências. As músicas, os poemas, as histórias desmontadas são parte que me constroem como ser humano. O desafio de mostrar a “minha casa” para outras pessoas foi marcante, pois me fez viajar no tempo e nas memórias, abriu as cortinas das emoções e desmontou barreiras para que chegasse aos olhos e ouvidos de uma plateia. Desmontar a si mesmo é um ato de coragem, pois abre nossas cortinas e desvenda camarins. Ao mesmo tempo, quando se percebe que há uma troca de afetos, pelos olhares, reações e sensações de quem assiste a desmontagem se transforma em emoções compartilhadas e apresenta uma abertura para novas construções na poética da vida e outras futuras novas possibilidades de se desmontar. Receber o *feedback* de uma maneira positiva e perceber que a desmontagem trouxe verdade e emoção ao espectador e que de alguma maneira pôde penetrar na memória de quem viu é um acontecimento que traz potência para minha vida, minha pesquisa e minha construção pessoal. O menino da TV Bananeira dando as mãos ao pesquisador do teatro e da poesia e acreditando que pode marcar presença na história de outros meninos e outros artistas e pesquisadores, tirando e colocando chapéus pela trajetória que segue.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond. Infância. In: **Antologia poética**. ed. Record. Rio de Janeiro. 2001.

BALEIRO, Zeca. Minha casa. In: **Líricas**. Zeca Baleiro. MZA Music. São Paulo, 2000.

BRANT, Fernando & NASCIMENTO, Milton. **Bola de meia, bola de gude**. Disponível em: <<http://letras.mus.br/milton-nascimento/102443/>> acessado em 18/07/2015.

DIÉGUEZ, Ileana. Desmontagem cênica. **Revista Rascunhos**, Uberlândia, v.1, n.1, p.5 – 12, jan./jun. 2014.

MACHADO, Marina Marcondes. A criança é *performer*. **Educação e realidade**, Porto Alegre, v.35, n.2, p.115-137, maio/ago. 2010.

PEROBELLI, Mariene Hundertmarck. Poéticas da Infância: Desmontagem textual. **Revista Rascunhos**, Uberlândia, v.1, n.1, p.56-66, jan./jun. 2014.

Link para vídeo da desmontagem:

<http://youtu.be/9kELVKk4BCE> - Parte 1

<http://youtu.be/OkH1dpbsVMs> - Parte 2